

A criatividade linguística nas redes sociais: os processos de criação de novas palavras na internet

Vívian de Nazareth Santos Carvalhoⁱ

RESUMO

Este artigo pretende analisar como se dá o processo de criação de novas palavras em língua portuguesa do Brasil na internet. Temos como empiria os *memes* que circulam nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Compreendemos que as redes sociais são alguns dos muitos espaços em que podemos observar a criatividade linguística. Na web, os usuários criam novas unidades lexicais com o objetivo de expressar conceitos que apontam para realidades da vida social. A partir dos estudos de Basilio (2011) sobre formações e classes de palavras no português do Brasil, de Gonçalves (2011) sobre os processos de flexão e derivação em português e, ainda, sobre os processos de Fusão Vocabular, presentes em Basilio (2010), analisamos as formações de novas palavras que circulam com frequência através dos *memes* da internet.

Palavras-chave: Criação de novas palavras; Internet; Redes Sociais; *Memes*.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the process of creation of new words in the Brazilian Portuguese language takes place on the internet. As empirical research, we analyzed the memes that circulate in Facebook and Instagram. We comprehend that the social networks are one of the many spaces where it is possible to observe linguistic creativity. On the web, users create new lexical units to express concepts relating to the realities of social life. Based on the studies by Basilio (2011) about word classes and formations in Brazilian Portuguese, Gonçalves (2011) about the processes of inflection and derivation in Portuguese, and also about Vocabulary Fusion processes, present in Basilio (2010), we analyze the formation of new words that often circulate through memes.

Keywords: Creation of words; Internet; Social networks; Memes.

INTRODUÇÃO

ⁱ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Ciências da Comunicação pela mesma universidade.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8751-1756> | vivianesantoscarvalho@gmail.com

Todos os falantes de um idioma acionam o léxico para se comunicar. Caracterizado por linguistas como o dicionário mental dos indivíduos que falam uma língua, o léxico pode ser compreendido como o conjunto de palavras de que as pessoas dispõem para se expressar. Esse “dicionário mental” é dinâmico, pois “os falantes têm a capacidade de criar e os ouvintes podem entender um número quase ilimitado de novas palavras, já que o conjunto de palavras em um idioma nunca é bem fixo” (HASPELMATH, 2010, p. 33).

Estamos sempre produzindo e reconhecendo novos seres (BASILIO, 2011), entretanto, a ampliação do léxico está relacionada a padrões gerais de estruturação, que permitem, como explica Basílio (2011), a interpretação e a produção de novas formas. Uma das maneiras de ampliar o léxico em língua portuguesa está nos processos de flexão e derivação.

Na flexão, variamos formalmente uma palavra já existente (GONÇALVES, 2011); na derivação, criamos novas palavras. Os processos flexionais geram variação de gênero e número nos substantivos (por exemplo, o plural de substantivos na língua portuguesa é caracterizado pela sufixação do morfema -s), e de número, tempo e modo nos verbos. Já os processos derivacionais de prefixação e sufixação formam novas palavra¹.

De acordo com Basilio (2011), a mudança de classe é um dos critérios que definem a derivação em oposição à flexão.

O processo de derivação consiste na adição de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base ou radical para a formação de uma palavra. A estrutura da forma derivada é a estrutura geral da adição de um afixo a uma base ou radical; a base é determinada gramatical ou semanticamente pelo afixo. (BASILIO, 2011, p. 23)

Gonçalves (2011) traça uma importante discussão sobre as diferenças entre flexão e derivação. Ele compreende esses processos como um *continuum*, já que não há fenômenos que podem ser caracterizados completamente como flexionais ou derivacionais. A partir das concepções do autor, podemos pensar a flexão e a derivação como distribuídas em um *continuum*, de modo a serem mais ou menos flexionais ou derivacionais, de acordo com as características que apresentam.

O critério de mudança de classe, entretanto, pode ser uma boa maneira para caracterizarmos uma palavra como derivacional. Por exemplo:

Verbo -----	Substantivo
agitar	agitador (acréscimo do sufixo -dor)
Adjetivo -----	Advérbio
feliz	felizmente (acréscimo do sufixo -mente)
Verbo -----	Substantivo
lavar	lavagem (acréscimo do sufixo -agem)

De acordo com Basilio (2011, p. 30), nos processos derivacionais em português, as estruturas mais produtivas para a formação de verbos são por sufixação dos afixos “-izar, -ar e -ear em substantivos e adjetivos”. Um espaço propício para os processos derivacionais em língua portuguesa está, hoje, na internet. A criação de novas palavras é algo bastante presente nas interações dos brasileiros na *web*, principalmente nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*.

As palavras criadas na internet muitas vezes extrapolam os limites da tela e vão parar nas interações presenciais. Algumas já figuram nos dicionários, como é o caso do verbo “sextar” derivado do substantivo “sexta”. E outras apresentam uso em títulos de mídias, como é o caso da série de comédia *Shippados*, que foi exibida pela Rede Globo em 2019.

Uma das materialidades de propagação dessas novas palavras criadas na internet é o *meme*. Esse gênero discursivo, que alia palavras ou frases a imagens, está bastante presente nas interações comunicativas dos brasileiros que utilizam as redes sociais. Devido à sua grande interatividade, os *memes* contribuem para a popularização de novas palavras, como “sextou”, “trollagem”, “stalkaear”, “shippar”. Sabemos que não há um consenso entre os estudiosos da linguística de que o *meme* seja, de fato, um gênero textual. Há autores como Lima-Neto (2021) que não consideram o *meme* um gênero, e sim um recurso bastante profícuo para a produção de uma variedade de textos (orais, verbais, imagéticos), que respondem a diferentes situações sociais, o que leva a gêneros variados.

Para esse autor, nos *memes* estão presentes uma infinidade de gêneros, como “anúncios publicitários e institucionais, tiras cômicas e tiras cômicas seriadas, críticas, lembretes e mensagens motivacionais” (LIMA-NETO, 2021, p. 2246). Esses gêneros são,

de acordo com ele, estudados há décadas, muito antes do surgimento da internet e das redes sociais.

Neste artigo, não pretendemos entrar em uma discussão mais aprofundada sobre o status discursivo do *meme*, tal como o fazem Shifman (2014), Souza Júnior (2015) e Lima-Neto (2021). Entretanto, defendemos neste trabalho a posição de que o *meme* pode ser considerado um gênero discursivo, pois, como afirma Silva (2016), os *memes* são textos que permitem a interação de usuários, a partir da compreensão de elementos semânticos que surgem em uma dada situação sociocultural. Silva (2016) defende que, além de comunicar e transmitir conhecimento, os *memes* atendem às características prototípicas de um gênero do discurso.

Bakhtin (2003) afirmou que os gêneros do discurso compreendem tipos relativamente estáveis de enunciados, produzidos no interior de esferas da atividade humana, isto é, vinculados a situações típicas da comunicação social, que se caracterizam, basicamente, por apresentarem três elementos constitutivos e fundidos indissolivelmente no todo do enunciado (entenda-se, do gênero): conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. Defendemos, aqui, que o *meme* virtual é, pois, um gênero do discurso justamente porque, assim como os demais gêneros, nasce no interior de práticas discursivas de interação humana e apresenta conteúdo temático, estilo e estrutura composicional (SILVA, 2016, p. 348)

Na esteira de Silva (2016), apreendemos o *meme* como um gênero do discurso que oferece múltiplas possibilidades de apresentação da linguagem. A propagação de novas palavras, criadas a partir da criatividade dos usuários da *web*, é um dos fenômenos que observamos nos *memes* que circulam na internet.

A partir dos estudos de Basilio (2011) sobre formações e classes de palavras no português do Brasil e de Gonçalves (2011) sobre os processos de flexão e derivação em português, pretendemos discutir como se dá o processo de criação de novas palavras na internet, tendo como empiria os *memes* que circulam nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Também abrimos espaço, na terceira seção deste artigo, para refletirmos sobre os processos de “Fusão Vocabular” (BASÍLIO, 2010), em que há o cruzamento de palavras ou partes de palavras já existentes para a criação de uma nova palavra. As fusões vocabulares possuem forte carga semântica e são utilizadas, muitas vezes, para desqualificar os sujeitos em determinados contextos sociais, como é o caso das fusões vocabulares “feminazi” e “esquerdopata”².

2. MEMES: AS PALAVRAS QUE PULAM DE “CÉREBRO EM CÉREBRO”

O termo *meme* foi criado pelo biólogo Richard Dawkins e publicado em 1976 no capítulo “Memes: os novos replicadores”, de seu livro *O Gene Egoísta*. A intenção do autor era explicar os nossos genes culturais, fazendo uma analogia com a noção genética de genes. Dawkins explica que, assim como as características biológicas, o ser humano transmite ideias, vestuários, palavras, entre outros aspectos culturais.

Para conceituar seu pensamento, Dawkins cunha o termo *meme* como forma de pensar uma unidade mínima cultural, da mesma forma que o gene é a unidade mínima biológica. A partir de reflexões sobre os comportamentos animais e humanos, ele compreende que há a necessidade de entender as replicações culturais, como forma de ampliar a visão sobre a evolução humana, as quais são muito mais rápidas e dinâmicas que as replicações genéticas. (GOMES, 2018, p. 20)

De acordo com Dawkins (2007, p. 196), se uma ideia fizer sucesso “ela se propaga, a si própria, espalhando-se de cérebro em cérebro”. Em seu artigo “#Selfienaurna, memes, imagens e fenômenos: propagações digitais e uma proposta multimodal e semiótico-social de análise”, Souza Júnior (2015) problematiza a questão de que os *memes* seriam replicados “sem ruídos” ou “intactos” de cérebro em cérebro. O autor cita Dennett (1995) para afirmar que essa transmissão de *memes* não se dá de maneira homogênea, uma vez que, em oposição ao princípio de fidelidade,

[o] filósofo (1995, p. 347) [Dennett] também argumenta que um *meme* poderia evoluir direcionado pelo critério de ‘design’, o que poderia provocar alterações no padrão original das ideias a serem repassadas adiante. O direcionamento pelo critério de design possibilitaria o surgimento de padrões de propagação coexistentes e heterogêneos no processo de disseminação de um *meme*, portanto. (SOUZA JÚNIOR, 2015, p. 4)

A partir das reflexões empreendidas por Dennett, Leal-Toledo (2013) problematiza também a questão colocada por Dawkins de que os *memes* “pulam” de mente em mente. Para o autor, há uma competição para que os *memes* façam sentido no cérebro das pessoas; essa competição gera uma pressão seletiva, já que há “um número muito maior de ideias, conceitos e comportamentos do que uma mente é capaz de aprender e, principalmente, executar” (LEAL-TOLEDO, 2013, p. 194). Tais afirmações

nos fazem refletir que o *meme* não “entra” na cabeça das pessoas sem estar associado ao social, sem que faça sentido socialmente. Ou seja, não podemos depreender que um enunciado verbal isolado – neste caso, um *meme* – terá a capacidade de se reproduzir sozinho, “entrando” de cérebro em cérebro. A propagação de um *meme* depende de um todo complexo. Como explica Gomes (2018, p. 21), o *meme* “precisa de alguém que o deseje propagar, por uma identificação pessoal, social, emocional, nos seus mais diferentes modos de enunciar”. Esses enunciados verbais propagados em *memes* só fazem sentido porque estão inseridos na história do presente (GREGOLIN, 2007) das muitas pessoas que os divulgam e/ou transformam.

Por exemplo, sabemos que a velocidade imposta pela sociedade atual influencia na maneira como nos comunicamos. Na internet, essa velocidade contribui para que muitas palavras sofram truncamento, processo que cancela segmentos da base, por subtração morfológica (GONÇALVES, 2011), como, por exemplo, em *whatsapp*/“zap”, *facebook*/“face”, *instagram*/“insta”, “amiga”/“miga”.

A necessidade de dar nomes a conceitos e realidades da vida social também favorece a criação de novas unidades lexicais (ABREU, 2010). Na internet, essa vontade de maior expressividade no discurso resulta na criação e no compartilhamento, muitas vezes por meio de *memes*, de palavras como “sextar”, formada pela sufixação do morfema “-ar” no substantivo “sexta”.

3. VOCÊ DISSE “SEXTAR”? DERIVAÇÃO, SUFIXAÇÃO E FUSÃO VOCABULAR

Uma das palavras criadas na internet está relacionada ao substantivo “sexta-feira”, que se verbalizou para formar o termo “sextar”. Com o acréscimo do sufixo -ar, a palavra “sexta” sofre um processo de derivação e muda de classe – de substantivo, ela torna-se um verbo, com todas as suas flexões de pessoa, número, tempo e modo: “eu sexto”, “tu sextas”, “eu sextei”, “ele sextou”, “nós sextamos”, “ele está sextando”, etc.



Figuras 1, 2 e 3: Memes que circulam na web.
Fonte: Facebook.

Houve uma mudança de classe do substantivo “sexta” para a criação do verbo “sextar”. Como explica Basilio (2011, p. 22), “chamamos de mudança de classe a formação de palavras de uma classe a partir de palavras de outra classe. A mudança de classe se efetua fundamentalmente através de processos morfológicos de derivação”. Ainda de acordo com o autor, um dos motivos principais para a mudança de classe das palavras é a necessidade de usar palavras de uma classe em estruturas gramaticais que exigem palavras de outra. Essa seria uma motivação gramatical. Basilio cita como exemplo a seguinte estrutura:

- a) Clonaram o macaco.

b) Todos ficaram preocupados com...

Ao relacionarmos a frase “a” com a frase “b” temos:

c) Todos ficaram preocupados com a clonagem do macaco. (BASILIO, 2011, p. 23)

Neste exemplo da autora, observamos que o processo de sufixação do verbo “clonar” teve uma motivação gramatical, possibilitando a transformação do verbo em substantivo, para poder se adequar ao contexto da frase. O segundo motivo para a mudança de classe das palavras, diz Basilio, corresponde à motivação semântica. É o caso do substantivo “sexta-feira” que, a partir da interação dos sujeitos na web, origina o verbo “sextar”.

Compreendemos que há a necessidade semântica do indivíduo brasileiro de expressar a sua felicidade pelo término da semana de trabalho ou estudo e o início do fim de semana, momento que representa descanso para muitos do país. Por isso, a criatividade dos usuários da internet origina o verbo “sextar”, a partir do acréscimo do sufixo “-ar” na base da palavra “sext-”. De acordo com Basilio,

[a]s formações em -ar, mais frequentes que as X-izar na língua falada e em contextos mais informais, embora com presença significativa também em outros contextos, concentram-se na denotação de ações definidas pelo substantivo base, sobretudo como objeto da ação, como vemos em: numerar, paginar, colar, gritar, beijar, babar, perfumar, aguardar, mas também como instrumento, como em martelar, carimbar, telefonar, pincelar, cinzelar, lixar, etc. (BASILIO, 2011, p. 30)

Compreendemos que o verbo “sextar” denota uma ação do falante. A frase “hoje eu vou sextar” é comum de ser encontrada em *memes* na internet. Esse verbo já está presente no “Dicionário Online de Português”, com o seguinte significado: “anunciar o início do final de semana ou a chegada da sexta-feira, normalmente com sentido carregado de empolgação e felicidade: é hora de aproveitar a vida, sextou!” (DICIO, 2020). Entendemos que a palavra “sextar” traz novos conceitos semânticos que não estavam relacionados ao substantivo “sexta”.

Muitas palavras da língua inglesa também servem de base para a criação de novas palavras em português. De acordo com Souza Júnior (2013), nas transferências e adaptações de palavras entre as línguas devemos considerar vários aspectos, como o contato direto entre as línguas, a assimilação de traços culturais, a utilização das palavras nos meios de comunicação que, posteriormente, tornam-se populares na sociedade.

As palavras da classe aberta, como os verbos e os substantivos, são mais propícias de serem criadas e/ou transformadas, pois apresentam-se em número ilimitado, já que um falante “pode com elas proceder tanto à criação ou inclusão de novos pares em seu repertório linguístico, caso dos neologismos e estrangeirismos” (SOUZA JÚNIOR, 2013, p. 6).

Compreendemos que a sufixação do afixo “-ar” é o mais produtivo nos processos de formação de novas palavras por empréstimo do inglês. O verbo “deletar”, já oficializado na língua portuguesa, é formado pela raiz *delet-* acrescida do sufixo “-ar”. Processo semelhante acontece com as palavras *troll* e *shipping* que, assim como *delet*, recebem a sufixação do afixo “-ar” e se tornam verbos na língua portuguesa do Brasil.

“Trollar” significa que alguém que está sendo desagradável ou agressivo na internet³. *Relationship*, que no inglês sofreu um encurtamento dando origem a *ship*, formou no português brasileiro o verbo “shippar”. A raiz *shipp-* recebe o sufixo “-ar”. A palavra “shippar”, que significa torcer para que um relacionamento amoroso dê certo, está bastante presente em *memes* da internet. “Shippar” já extrapolou a *web* e virou nome de série da Rede Globo – *Shippados* (2019).

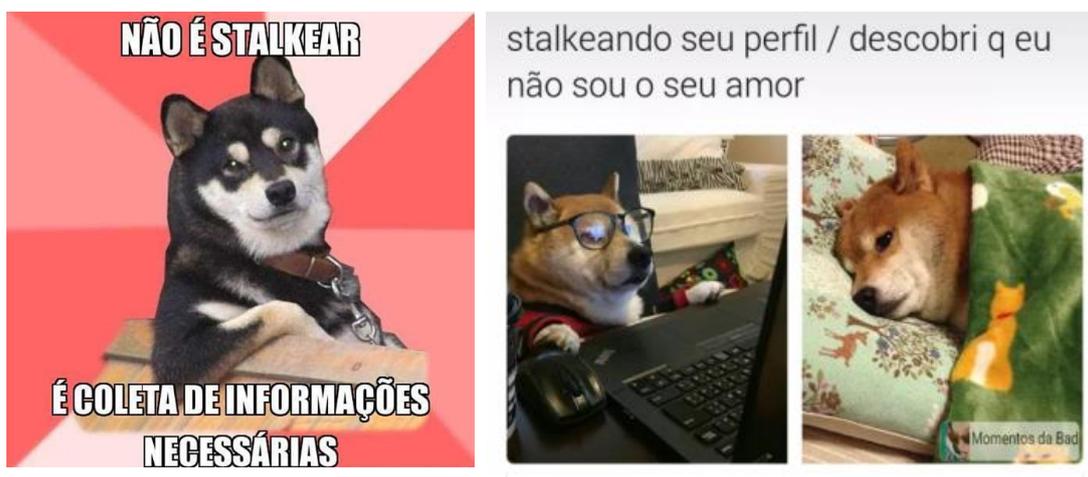


Figuras 4 e 5: Memes do Facebook
Fonte: Facebook.

Basilio (2011) explica que as formações em “-ear” são menos frequentes, mas também são usadas em novas construções verbais: “Em alguns casos, indicam aspecto iterativo na representação do ato verbal; em outros, funcionam apenas como alternativas fonológicas para as formações em -ar” (BASILIO, 2011, p. 31).

É o caso da palavra “stalkear” derivada do inglês *stalker*, que significa “indivíduo que persegue alguém”. A formação observada acontece pela raiz *stalk-* e o sufixo “-ear”.

É comum utilizar a base acrescida do sufixo “-ndo”, que veicula a noção de processo, formando assim “stalkeando”. Assim, quando alguém tenta saber da vida de outra pessoa por meio da observação de suas fotos e postagens nas redes sociais, ela está stalkeando essa pessoa.



Figuras 6 e 7: Memes do Facebook.
Fonte: Facebook.

Compreendemos, portanto, que na internet a criação de novas palavras em língua portuguesa se dá, principalmente, com a verbalização de substantivos. Esses verbos recebem flexões para indicar o que o internauta está fazendo, fez ou fará.

Basilio (2010) aponta outro processo bastante produtivo na criação de novas palavras, a “Fusão Vocabular Expressiva”. A fusão vocabular expressiva, ou *fuve*, “é uma construção estruturada de modo a incorporar fonologicamente os dois itens lexicais envolvidos, representando iconicamente a inclusão da função semântica do qualificador no significado da palavra base” (BASILIO, 2010, p. 202). Nela, ambas as palavras-fonte “são trazidas em sua íntegra à mente do falante/ ouvinte/ escritor/ leitor” (p. 203). A incorporação bem sucedida mantém a palavra base e evoca o qualificador. É o caso de:

- 1 - Esquerdopata (de esquerdista + sociopata)
- 2 - Feminazi (feminista + nazista)

Compreendemos que, em 1, a fusão vocabular aciona imediatamente na mente do ouvinte tanto a raiz da palavra “esquerd-” quanto o seu elemento qualificador “sociopata”, formando semanticamente o enunciado pejorativo: o indivíduo que tem predileção política por partidos de esquerda é sociopata.

Assim como o qualificador “nazi”, ao ser adicionado à base “femin-”, evoca o elemento qualificador “nazista”, formando a palavra “feminazi”, que propõe o seguinte discurso, também pejorativo e de cunho ideológico: mulher com ideias extremistas semelhante aos extremismos propagados pelo nazismo.

Ambas as fusões vocabulares estão bastante presentes em *memes* utilizados nas discussões políticas e nas críticas sobre a militância feminista, assuntos que aparecem com frequência nas redes sociais.



Figuras 8 e 9: Memes que circulam nas redes sociais.

Fonte: Facebook.

De acordo com Basilio,

[é] importante ressaltar que a transposição do nível de qualificação para o nível de denotação é fundamental, na medida em que a denotação não se discute; o impacto expressivo dessas formações também deriva deste fato. Dada a função expressiva e o efeito inesperado de impacto, não é de se esperar a ocorrência corriqueira de fuves na língua formal; [...] talvez se possa também dizer que são mais frequentes as formações de cunho pejorativo. (BASILIO, 2010, p. 204)

Assim, a fusão vocabular tem um objetivo expressivo, “de criar uma unidade lexical em que o elemento qualificador se integra no significado global da palavra base para provocar algum tipo de impacto” (BASILIO, 2010, p. 204). Essa integração se faz simultaneamente pela via fonológica e pela via semântica. A fuve é um processo que também está presente na criação de novas palavras na internet.

4. CONCLUSÃO

Neste artigo, pretendemos demonstrar como se dá na internet o processo de criação de novas palavras na língua portuguesa do Brasil. Para tal, analisamos as formações das palavras “sextar”, “shippar”, “stalkear”, “feminazi” e “esquerdopata”. Nossa empiria para os processos de análise se deu nos *memes* que circulam nas redes sociais, pois compreendemos que eles são gêneros discursivos que contribuem para a popularização de novas formas de se expressar/significar, seja por meio de palavras, expressões ou imagens, que podem aparecer sozinhas ou mescladas, nas redes sociais presentes na *web*.

Compreendemos que a criação de novas palavras na internet se dá, principalmente, por processos derivacionais em que há a sufixação de substantivos para a formação de verbos. Como exemplos, temos:

Substantivo -----	Verbo
Sexta	Sextar (acrécimo do sufixo -ar)
<i>Troll</i> (provocador)	Trollar (acrécimo do sufixo -ar)
<i>Relationship</i> (relação) - <i>ship</i> -	Shippar (acrécimo do sufixo -ar)
<i>Stalker</i> (perseguidor)	Stalkear (acrécimo do sufixo -ear)

As “Fusões Vocabulares Expressivas”, que criam novos lexemas a partir da fusão de partes de dois ou mais lexemas, também são processos importantes para a criação de novas palavras. Como é o caso de “esquerdopada” e “feminazi”, ambas evocam elementos qualificadores, de cunho pejorativo e ideológico, à base das palavras. Entendemos que a internet, em especial as redes sociais, é um espaço de grande criatividade linguística que contribui para a ampliação de nosso léxico.

Referências

ABREU, Verena Santos. O Léxico na Internet: Análise de Neologismos em Comunidades do Orkut. *3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação* (UFPE), 2010. p. 1-20.

ANANIAS, Agostinho da Silva. Memes virtuais: gênero do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa. *Revista Travessias*, v. 10, nº 3, p. 341-361, 2016.

BASILIO, Margarida. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, 2010. p. 201-210.

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS (DICIO). c2009-2020. Disponível em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso: 03 fev. 2020.

GREGOLIN, Maria. Análise do discurso e mídia: a reprodução das identidades. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Flexão e derivação: o grau. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 149-168.

_____. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

GOMES, Daniel Loureiro. *Quem Somos Nós Hoje? Memes, Subjetividades e Malacos no Facebook*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. *Understanding Morphology*. 2ª ed. London: Hodder Education, 2010.

LIMA-NETO, Vicente de. Meme é gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, n. 3, p. 2246–2277, 2021.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Em Busca de uma Fundamentação para a Memética. *Trans/Form/Ação*, v. 36, n. 1, p. 187-210, 2013.

PALOMANES, Rosa; RIBEIRO, Fernanda da Silva. Flexão ou Derivação? Reflexões sobre o Ensino de Gênero, Número e Grau. *Revista Alumni*, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2013.

SHIFMAN, L. The cultural logic of photo-based meme genres. *Journal of Visual Culture*, v.13, n.3, p. 340-358, 2014.

SOUZA JÚNIOR, J. de. #Selfienaurna, memes, imagens e fenômenos: propagações digitais e uma proposta multimodal e semiótico-social de análise. *Texto Livre*, v. 8, p. 1-26, 2015.

_____. Mensalão é Mensallão? um estudo crítico-discursivo sobre neologismo, expressividade e ideologia via *corpora* digitais. *Revista Palimpsesto*, v. 12, n. 17, ano 12, p. 1-29, 2013.

Recebido em: 06/10/2021

Aceito em: 22/03/2022

¹ Não há um consenso entre os pesquisadores a respeito das flexões de gênero e número serem processos apenas flexionais. Para um aprofundamento do assunto, o leitor pode buscar a obra de Gonçalves (2007), que demonstra que os processos de flexão e derivação não atuam de modo preciso. E dos autores Palomanes e Ribeiro (2013), que traçam uma discussão sobre os processos de flexão e/ou derivação de gênero, número e grau em língua portuguesa. Para Palomanes e Ribeiro (2013, p. 69) “as análises vistas hoje provam que não há fenômenos tipicamente caracterizados como Flexão ou Derivação e, sim, um *continuum*, de maneira que ambas constituem um único processo”.

² Não podemos desconsiderar o discurso político que está imbricado na criação dessas duas palavras. Sobre essa questão é necessário um aprofundamento das relações lexicais e discursivas que propiciaram a origem desses termos. Pesquisa que cabe para trabalhos futuros.

³ De acordo com o site TechTudo o termo *troll* deriva da expressão *trolling for suckers*, algo como “lançando a isca para os trouxas”. Assim, na rede, o termo designa uma pessoa cujo comportamento tende a desestabilizar uma discussão e irritar outras pessoas. O sujeito *Troll* tem a intenção de aplicar “trotes” nos internautas. “Trollar”, então, é fazer com que alguém leve a sério aquilo que era apenas uma brincadeira. Fonte: site TechTudo, disponível em <https://www.techtudo.com.br/noticias/2013/06/o-que-sao-trolls-e-o-que-e-trollagem.ghtml>. Acesso: 21 mar. 2022.